



HISTÓRIA ORAL O REVERENDO BOANERGES RIBEIRO: UM DEPOIMENTO

REVEREND BOANERGES RIBEIRO: A PERSONAL TESTIMONY

Lázaro Arruda Lopes

Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, professor de História da Igreja, pastor emérito da igreja Presbiteriana de Tatuí, membro da Comissão de Estudo de Relações Ecumênicas da Igreja Presbiteriana do Brasil.

INTRODUÇÃO*

A revista *Ciências da Religião: História e Sociedade* tem como um de seus objetivos divulgar, quando possível, documentos que consideramos importantes para as linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. É nesse sentido que apresentamos o artigo-depoimento de Lázaro de Arruda Lopes, trazendo-o à luz para a utilização de pesquisadores.

Maria Regina Luchesi (2003, p. 26), em livro recém-publicado, traz capítulo primoroso na apresentação da história oral como método de pesquisa. Diz a autora:

A história oral de vida fundamenta-se em uma narrativa na qual o autor “se conta”, fala livremente de sua vida através do tempo, com o mínimo de interferência do pesquisador. Na narrativa, o indivíduo procura reconstruir sua existência, transmitindo o que vivenciou em suas relações grupais, em sua profissão, em sua classe social, não obedecendo, necessariamente, a uma ordem cronológica.

É o que encontramos no texto que aqui apresentamos, depoimento elaborado após o falecimento de Boanerges Ribeiro, cujas características são registro de história oral, expressão viva provocada pela ausência de um contemporâneo e um amigo, pois, na memória oral, o sentido da informação é tão importante quanto a fidedignidade, às vezes a primeira supera a segunda na importância para a análise.

A utilização de tais documentos, entretanto, se torna mais rica à medida que o depoente demonstra sua escolha

* A Introdução é de Márcia Serra Ribeiro Viana, bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutora em Ciências Sociais da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie e editora acadêmica da revista *Ciências da Religião: História e Sociedade*.

pessoal na apresentação de prioridades quanto aos fatos e seus significados. É ainda Luchesi (2003, p. 26-27) quem nos ensina:

Assim, a subjetividade visa estar presente, cabendo ao pesquisador não anulá-la e sim trabalhar com ela. Os fatos, os acontecimentos narrados, serão sempre interpretados pelo narrador e a verdade está na versão oferecida por ele, que revela ou oculta situações, casos, pessoas. Deixam, portanto, de ser expressão da individualidade para serem apreendidos como expressões mais amplas. [...] Compreender a história oral como método demanda que o pesquisador centre sua atenção nos depoimentos [...] Tal atitude implica o reconhecimento da identidade de natureza entre sujeito que quer conhecer (pesquisador) e o sujeito que tem o conhecimento (narrador).

O reverendo Lázaro, como é conhecido por todos, gosta de escrever e apresentou o texto já bem elaborado; na revisão acrescentamos, quando possível, as referências bibliográficas citadas pelo autor, mantendo o sabor pessoal que caracterizou o texto original. Essa escolha de não interferência no estilo e características próprias desse tipo de texto nos levou a manter as paráfrases, mesmo quando os textos originais tenham sido encontrados.

Apresentamos alguns dados biográficos do autor a partir de livro publicado por ele.

Nasceu no dia 27 de abril de 1919, em Angatuba, bairro das Pedras, no Estado de São Paulo, nas redondezas da atual estrada Raposo Tavares; um dos onze filhos da família de Juvenal Lopes Arruda e Isabel Maria do Espírito Santo, sua prima. Seu pai, alfabetizado, cuidava de ensinar à noite, após os trabalhos do dia, seu filho e sobrinhos:

Meu pai e minha mãe tiveram 11 filhos. O “velho” foi o meu primeiro mestre. Plantador de cereais, cultivador de algodão e pequeno criador de gado, achava que o homem, nem tanto a mulher, teria que saber ler, escrever e contar, para fazer negócios e “não ser bobo dos outros”. Trabalhava o dia todo. À noitinha, reunia seus alunos ao redor de uma grande mesa de peroba (ARRUDA, 1997, p. 21).

Essa era família católica romana fervorosa e de grande atuação na comunidade local. Lázaro Lopes cresceu, juntamente com seus irmãos e primos, integrado nas práticas religiosas locais da época, vendo uma clara relação entre seu nascimento e o fim do mundo – nasceu entre as duas guerras e em meio de revoluções bélicas no país. Ao mesmo tempo, foi período de grandes transformações: seu pai vê o primeiro carro em 1913 e ele vê o primeiro avião em 1927. Seu mundo estava em transformação, ele estudava e lia para além da média da família e da região.

A crise de 1929 ajudou em seu contato com a Bíblia e a visão religiosa da Reforma.

Nesse tempo, um meu tio, José Paulino, juntamente com a sua família, mudou-se para o Paraná e entrou em contato com os presbiterianos da família Jorge, em Sengés. Com a crise, voltou ele para a nossa região, com uma porção de livros e revistas de Escola Dominical (ED). Por meio dele, recebemos boa instrução de como funcionava a ED, a igreja presbiteriana, como eram as suas pregações, os sacramentos, a linha de conduta dos crentes, bem como os embates na tentativa de semear as doutrinas reformadas no Brasil. Era o ano de 1929. [...] (ARRUDA, 1997, p. 35).

Já passava dos 19 anos quando decidiu ir para o seminário, abrindo o caminho cursando escola formal no Instituto Cristão de Castro, no Colégio José Manoel da Conceição e no Seminário Presbiteriano do Sul, onde se formou em Teologia em 1952. Pastor emérito da Igreja Presbiteriana de Tatuí, presidiu concílios, fez parte da Comissão de Estudos Ecumênicos da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), foi professor de História da Igreja por três lustros no Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas. Foi também Reitor nessa mesma instituição. Pregador, poeta, beletrista de prol.

DEPOIMENTO

Rev. Boanerges que conheci: homenagem à família, homenagem *in memoriam* ao rev. dr. Boanerges Ribeiro.

Década de 1950. Estávamos no salão nobre do Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, SP. Os estudantes de Teologia aguardavam a chegada de um conferencista.

Tratava-se de um ministro presbiteriano muito jovem, formado no mesmo Seminário. Tinha um tema específico: “O Papel da Imprensa na História”. Falou nos termos, que não anotamos, mas a memória reteve. Reproduzimos a introdução da palestra.

A humanidade viveu com pouca matéria escrita durante a Idade Média. A sabedoria estava na boca dos mestres, e com o clero dominante, notadamente nos conventos, em que os religiosos viviam curvados sobre os pergaminhos, registrando tão-somente o que fosse conveniente à Igreja Católica.

A imprensa tem uma longa história, em que os escribas, profissionais da escrita na era cristã (serviço espontâneo e religioso na História Antiga) desde os sacerdotes egípcios, estavam às voltas com os papiros até os pergaminhos na Idade Média (material de escrita em rolos de peles de ovelhas).

A cultura era pouco difundida; era “coisa de padres” entre os cristãos, obra fastidiosa dos monges, com as suas *matinas*, seus exercícios devocionais escalonados, horas de jejuns, ou até dias, especialmente para os noviços. Os focos de informação eram as escolas, a partir do Império de Carlos Magno (800-814); os sábios começam a freqüentar a chamada Academia Palatina. Nesta, agregavam-se os intelectuais, os que mais sabiam na época, os Mestres de Filosofia.

O latim era a língua oficial nessa civilização do Império Romano, que assimilara muito da mentalidade dos gregos. Esse foi um ponto altamente positivo do Imperador dos francos. Ele conhecia a noite da ignorância, pois consta que era mais ou menos analfabeto.

Coroado pelo papa (o conquistador era um aliado conveniente para a Igreja do Clero); teria sido uma alegria para o papa Leão III, na basílica de S. Pedro, em Roma, naquele Natal do ano 800 da era cristã. Estavam unidos os dois reinos, o temporal e o espiritual. É verdade que o prestígio do Imperador do Ocidente ofuscava até a influência papal.

Com o Império de Carlos Magno, começa de longe, o grande renascimento do Humanismo e, conseqüentemente, da Renascença, em que se faz a mudança da sociedade, abalando os valores da tradição da Igreja. A sabedoria foi liberta, com

a livre expansão das idéias. A arte de imprimir tomou impulso; e o conhecimento das coisas deixou de ser privativo da Igreja e das escolas, para ser privilégio do público, em geral. E, em conseqüência, vieram as mudanças rápidas da esfera social e política, e também da religião.

Com a alteração dos sistemas vigentes, dependentes dos senhores feudais para a sua sustentação, viu o enfraquecimento do sistema todo. Os reinos, como o absolutismo da realeza, cujos soberanos eram herdeiros vitalícios, se fragmentaram em principados, condados e ducados. Os poderosos se tornam cruéis para firmar o trono, como sucedeu na França. Tudo falhou.

O relacionamento do papado com o império se enfraqueceu com o renascer das letras, no próprio domínio de Carlos Magno; o movimento do Humanismo e a Renascença abriram caminho para o mundo moderno. Tombaram os deuses e os heróis; criaram-se as famosas Universidades na Europa; tudo levou ao fim do escolasticismo medieval. No entanto, dele mesmo surgiram de novo os germes para gerar novas condições.

Cedo começou a febre das mudanças. O Humanismo e o Renascimento foram como que a explosão de idéias em gestação na escolástica. Já dizia Vitor Hugo que: “Não há nada tão forte como uma idéia cujo tempo é chegado”. As idéias do Humanismo e da Renascença, inclusive as teses da Reforma Protestante, do século XVI, se expandiram nos debates públicos e na imprensa. Não importa se a arte de imprimir veio desta ou daquela nação, em processo de aperfeiçoamento. Ela tomou impulso a partir de 1436, quando João Gutenberg, alemão de Mogúncia, imprimiu a famosa “Bíblia de 42 linhas”. O povo precisava ler!

A sabedoria saiu da prisão, onde esteve cativa na boca dos mestres e de alguns monges eruditos. O eloqüente e jovem ministro destacou: “A imprensa foi, na sabedoria da providência, o instrumento de comunicação” que a Reforma no Brasil deve utilizar. Quem era o conferencista? Foi escolhido pelo Supremo Concílio (SC) da IPB para gerir a Casa Editora Presbiteriana durante 14 anos. Boanerges Ribeiro era o pregador que desafiava os seminaristas nas férias de 1952 para vender livros nas igrejas.

Nasceu o reverendo Boanerges Ribeiro no Estado de Minas, “as Minas Gerais”, no ano de 1919. Deixou o mundo aos 83 anos completos, em alguns meses mais somaria 84 anos, sendo alguns meses mais novo que este biógrafo, também de 1919 (de maio).

Deixou a sua esposa, Haydée Serra Ribeiro, quatro filhos e dez netos, informa o presbítero Rubem Serra Ribeiro, um dos filhos, n’*O Brasil Presbiteriano* (abr. 2003).

Depois de uma brilhante carreira, na sua lápide, ou na inscrição da pedra do seu túmulo, lê-se, nas sentenças da carta de Paulo (2 Tm. 4.7), a viva expressão: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”.

O Estado de Minas deu ao Brasil grandes homens. Notáveis ministros reformados também. Foi considerado o celeiro de pastores evangélicos. Estado da maioria da Igreja Romana, orgulhoso da tradição religiosa e familiar, foi caracterizado por um ilustre médico da cidade de Tietê, interior paulista, com a expressão: “Minas é o altar da pátria e a casa da família”. Teria sido assim.

Transcrevo textos da notícia impressa n’*O Brasil Presbiteriano* já citado, na informação do irmão presbítero da Igreja Presbiteriana do Calvário, no Campo Belo, Rubem – Igreja fundada pelo seu pai, Boanerges, e seus colaboradores, no ano de 1953. Com que saudade teria escrito trechos do necrológio que mais tocavam as suas emoções:

Meu pai “um grande plantador”, melhor, um grande semeador de Igrejas. [...] No dia 17 de fevereiro a IPB chorou a morte de Boanerges, principalmente os membros das Igrejas do Estado de São Paulo (Marília, Santos, São Paulo), onde ele desenvolveu a maior parte de seu ministério. A história desse reverendo se confunde com a do Supremo Concílio da IPB – onde atuou de 1966 a 1982 –, 12 anos como presidente e quatro como vice. Mineiro de Rio Parnaíba, Boanerges se reconhecia como paulistano, apesar de nunca recusar um pão de queijo *da hora*. Aos 16 anos, ele deixou Minas Gerais e nunca mais voltou para viver lá. Mas costumava dizer, ao sair de um Estado e entrar no outro, que estava “atravessando a fronteira” (1999, p. 11).

Estudioso, tinha vasta biblioteca, com mais de seis mil títulos. Foi Pastor durante 60 anos, obtendo o seu diploma de bacharel em Teologia no Seminário com 23 anos. Foi o começo e granjeou muitos outros, de curso superior.

OS PIONEIROS QUE ABRIRAM O CAMINHO

Boanerges, contando o histórico de sua família, informa: “Não tenho qualquer lembrança da Escola Dominical em São Francisco (se é que havia) [...]” das Chagas do Campo Grande, atualmente Rio Parnaíba. Lembro-me de que dizia: “Aderindo à Reforma, fundaram a Igreja Presbiteriana na região”.

[...] missionário reformador, Thompson, era companheiro de João Boyle. Meu bisavô paterno, Saint Clair Justiniano Ribeiro e a avó Chiquinha, sua mulher, receberam e hospedaram Thompson em Lagoa Formosa de Patos, fizeram profissão de fé, iniciando ali a nossa Igreja Reformada Presbiteriana e trouxeram consigo filhos (menos um que ficou na igreja romana), genros, noras e netos (RIBEIRO, 1999, p. 1).

Ficaram com os pais, filiados, agregados e congregados, na Nova Igreja. Diz, ainda, Boanerges (1999, p. 1-2):

O mesmo ocorreu serra acima, no Arraial de São Francisco das Chagas do Campo Grande, onde nasce o Rio Parnaíba: meu bisavô materno, Cristiano da Rocha, um dos patriarcas regionais, recebeu Thompson e abriu-lhe a casa de sua fazenda para pregar; não professou, mas professaram seus filhos, os “Daniéis do Rio Parnaíba”, entre os quais o meu avô Joaquim Daniel da Rocha e Clotildes, sua mulher; com os filhos de Cristiano veio toda a descendência; as famílias eram patriarcais.

Percebe-se (as mulheres trazem o nome incompleto!). Era fácil ser marido nesse tempo em Minas!

O próprio Thompson informa que a Bíblia o precedeu na região e por exemplares do jornal *Evangelista* recebidos pe-

los “Daniéis”, envolvendo artigos de comércio, que eles liam e aceitavam. Era a obra do Espírito Santo!

Na igreja que pastoreei, em Campinas (1980-1986), tivemos um ramo frondoso da família Rocha, Kemp Alves da Rocha e Maria Rocha, sua esposa. Eles viram nascer a igreja, e antes da construção do primeiro templo, à rua Aguinaldo de Oliveira Camargo, nº 17, ofereceram a casa para acolher a rudimentar Escola Dominical. Hoje um belo templo abriga a florescente Igreja em outro bairro (Vila Lemos): a Igreja Presbiteriana de Peniel. Creio que esses Rocha devem ser descendentes de Cristiano da Rocha, o liberal fazendeiro, a quem o Boanerges se refere, da sua região de origem!

SONO DURANTE OS SERMÕES DOS PREGADORES

Não sem humor, Boanerges faz menção curiosa à ocorrência comum da infância.

Recebi intensa educação religiosa, ou instrução evangélica em casa. Minha mãe ensinou-me hinos do velho *Salmos e Hinos* e as orações, padrão da época: *Pai Nosso; Agora me deito* (Agora me deito para dormir, se eu morrer sem acordar guarda minh'alma, ó Senhor. Amém). Com os hinos, vinha um corinho “Jesus escuta a voz terninha da criancinha em oração”; esse corinho, conforme tradição não documentada, Álvaro Reis cantarolava ao morrer; se for verdade mostra-nos certa uniformidade em nossa formação infantil reformada, pois é natural que o tivesse aprendido na infância, e sua infância foi um tanto anterior à minha, e vivida em São Paulo.

Decorei os dez mandamentos e o credo.

Aos sei anos, já alfabetizado, decorei o Catecismo para Crianças [...], sempre em casa, e com meu pai atento à recitação [...].

Não sei quando, por que, nem como [...]; aos 7 anos já estava decidido; ia ser pastor quando crescesse [...] (RIBEIRO, 1999, p. 3).

Conta que, criança ainda, em Lavras – reporta-se ao passado:

[...] Dormi sempre tranqüilo, enquadrado com segurança entre meu pai e minha mãe, durante a pregação do pastor rev. Jorge Thompson Goulart, o Thompson, em homenagem ao missionário-reformador de nossa região: Goulart era de Araguari. Dormi também, ai de mim, não vão contar isto em Gat! [parafraseava, já se vê, a lamentação de Davi, pela vida de Saul e Jônatas, seu amigo, no embate com os filisteus (2 Sm. 1:20)] nas conferências de Erasmo Braga, de Álvaro Reis, do padre [ou ex-padre] Hypólito de Campos, e talvez de outros [...] (RIBEIRO, 1999, p. 5).

Todos nós temos casos assim. Uma vez um pastor falava, falava, enrolava, durante uma hora. Um menininho no colo da mãe me fez passar vergonha com o ilustre visitante. O rapazito abriu a boca e gritou com a mãe: “Mãe! *Eu quélo í imbóla*. Vamos, mãe!”.

FORMAÇÃO PASTORAL

Sua formação nasceu da família. Parece que, bem tarde já, o primeiro pastor da família foi o pai. Rev. Adiron Ribeiro Sobrinho informa:

Quem antes de mim veio a ser pastor foi meu pai, que em janeiro de 1927 mudou-se para Lavras a fim de fazer o Ginásio e depois o Seminário em Campinas (RIBEIRO, 1999, p. 3).

Boanerges exalta, em Lavras, a igreja, sua Escola Dominical. Ali fez o curso até a 6ª série e o Ginásio. Acentua o papel de Samuel Gammon, que desenvolveu em Lavras e na região uma subcultura protestante, o suficiente para serem minoria dominante, em que não havia o problema de discriminação religiosa.

CAMPINAS

Aos 15 ou 16 anos, terminou o Ginásio [atual ensino fundamental], no Colégio Estadual Culto à Ciência, modelar

na qualidade do ensino. Na Igreja havia dinamismo, sendo pastor o rev. Borges (José Borges do Santos Jr., mineiro também). Tratava-se de um homem “[...] apaixonado e trabalhador [...]”, expositor de grande competência, em sermões e estudos bíblicos, em que se manifestava ledor de grande energia verbal e brilhava nas excursões com a mocidade em convívio social.

Com 17 anos matricula-se no Seminário, em que pontificaram os mestres: George Th. Goulart, Rockwell Smith, Erasmo Braga, Guilherme Kerr, José Borges; e outros vieram dos Estados Unidos, “Lenington, cujo pai viera de Springfield (Illinois), da Igreja de Açorianos, onde esteve também o nosso rev. Conceição, por um ano” (RIBEIRO, 1999, p. 8).

Boanerges, amante profundo da História, vai fundo em nossas raízes teológicas e expõe os motivos de surgirem duas escolas teológicas nascentes que exerceram influência em nossa formação teológica. Duas escolas: “A velha”, do Norte da América, e a “Nova Escola”, na mescla confusa para condicionar duas tendências opostas – o calvinismo genuíno e o calvinismo atenuado da Nova Inglaterra. Por isso, Augusto Hopkins Strong ameniza o calvinismo radical, como pastor batista – mais informações podem ser colhidas na leitura de Boanerges Ribeiro e na pequena *Enciclopédia Histórico-Teológica* (XXX, v. III). Essas interpretações opostas puseram em choque as duas Escolas. O Seminário de Princeton perfilou-se, ou pôs-se em linha, com a Velha Escola.

Foi em 1801, nos Estados Unidos da América do Norte, que se formulou o Plano: convocaram-se as igrejas e formaram associações de igrejas, com variante de interpretações teológicas. Povoava-se depressa o Oeste e era necessário evangelizar a nova sociedade. Novos professores vinham da América, de uma e de outra corrente, e os nossos seminaristas recebiam esses reflexos.

AS ESCOLAS: VELHA E NOVA

Esse fato era pouco conhecido, no meu tempo, por falta de informação histórica dos mestres ou porque não nos interessava. Aulas à tarde, após o almoço, são pesadas. Talvez

a deficiência fosse nossa. Boanerges esteve de residência na América do Norte, em que exerceu algum tempo de pastora-do. E, de um dos seus livros, extraí este esboço:

ESCOLA VELHA		NOVA ESCOLA	
Quadro referencial empírico-indutivo, a Bíblia é infalível.	Mark A. Noel	Calvinismo atenuado ou o teólogo do S.P.S. durante anos, como texto básico.	Augusto H. Strong
	Hodge – pai e filho		
	A. G. Simonton		
Turentino (de Genebra) – modelo para Princeton.	F. G. C. Schneider		Charles Grandison
	Benjamin Walfield		
	Blackford		
	Dabney		

Simonton inclinou-se a aceitar o reavivamento influente no Seminário de Princeton em meados do século XIX; sentiu-se inclinado para a “Teologia da Experiência”. Mas o sentimento passou, e ele mesmo disse “passou a emoção, e eu fiquei como antes, até pior [...]”. Todos os exageros se degeneraram no pentecostalismo que se espalhou depois, das Américas para o Brasil.

“De todos os elementos” – agora fala o Boanerges – “que se sucederam – de todos os elementos, sim, dois ficaram, nas primeiras linhas. Integraram a Teologia e Reforma no Brasil: o do Senso Comum e a Bíblia. Entendeu Boanerges que esses elementos produziram o mais evidente “quadro de referência” da pregação e da controvérsia com a Igreja Romana. Os missionários apelaram sempre para as Escrituras.

Boanerges não se envolveu nas sutilezas exegéticas de textos. Expunha tudo em teses que provava com a Bíblia. No meio do século passado surgiram as controvérsias, que, penso eu, a IPB esquívou-se de debater as teses, achando que o melhor era evangelizar, mantendo “eqüidistância”. Chego à conclusão de que Cristo é sereno, pacífico, tranqüilo, e é com essa tranqüilidade que deve argumentar o servo de Deus e nunca se omitir. Talvez, em nome da passividade, a IPB tenha se omitido, não?

Boanerges não se filiava a nenhum movimento febril, de precipitado barulho de emoção. Aliás, o presbítero Rubem, seu filho, definiu com clareza a sua posição conservadora n’ *O Brasil Presbiteriano* de abril de 2003.

Esta foi finalmente a posição de Strong; no prefácio de sua obra monumental diz: “Não faço apologia homilética no meu livro. Para ser verdade, ou útil, a teologia deve ser uma paixão: *rectus est quod facit theologum* [...]”. Dizia:

Prefiro manter o que os olhos do coração devem entender e perceber, em condição correta, a verdade divina [...] O que não tem aplicação prática [...] teologia abstrata não é realmente científica.

Boanerges expõe teologia e fato. Achava também que, com a Bíblia, a Reforma deve fazer a História.

BOANERGES NO PÚLPITO

Sua pregação era, antes de tudo, bíblica. Aprendeu no SPS, com Herculano Gouvêa, natural de Brotas; Roberto F. Lenington – o primeiro pastor residente ali, que encontrou o campo marcado pelas pegadas de José Manoel da Conceição.

No SPS, teve como professores José Borges dos Santos Jr., Guilherme C. Kerr, Thomas Porter, Constâncio Homero Omegna; foram os formadores da primeira geração de pastores. Mas, na pregação, era evidente a influência do púlpito de Herculano sobre o púlpito de Boanerges.

Herculano ensinava vários tipos de peroração. Um deles era a conclusão, chamada em latim *ex-abrupto*, de repente, subitamente. Era o contrário dos pregadores que se perdem na síntese final, chamada peroração. Popularmente são os manhosos, que vão e voltam, baixam a voz, vacilam e enrolam, para consertar alguns pontos falhos talvez – “e a emenda fica pior que o soneto”.

Um presbítero lá do Sul gostou tanto do sermão do Boanerges, que num *ex-abrupto* da mensagem sobre “O cego de nascença”, comentou no fim: “Interessante. Só percebi que o sermão tão bonito foi um sermão ‘pitoco”’. Ele queria ouvir mais!

No sermão sobre a conversão de Zaqueu, terminou com um verbo incisivo. Comentou, de retrospecto, a expressão do publicano: “Resolvi dar a metade dos meus bens aos pobres”.

Encerra, levantando aquela voz privilegiada: “Zaqueu resolveu recebendo a certeza da salvação... E você? Resolva!”.

Ouvi dele grandes sermões, e um deles, baseado numa velha exegese histórica da carta aos Hebreus. Falou de Jesus, com os diademas de ouro resplandcentes na mão, para galar-doar os fiéis. Falou de modo tão atraente sobre Hebreus 12. 23. Foi o último que ouvi, tanto apreciei o colega como ser-mão de despedida, embora não o demonstrasse (nem sabia).

Quem diria que o menino dorminhoco na presença do pai e da mãe, “prisioneiro do culto”, durante o sermão de Álvaro Reis, desse tão bom púlpito? Muitos sermões dele ouvi, com agrado, nos concílios, sempre com segmentos da História e excelente aplicação bíblica.

Não admira que fosse chamado: “Semeador de Igrejas”. Ele próprio diz:

Em 58 anos de pastorado, servi poucas igrejas: Pederneiras e Iacanga com vasto campo rural; Marília, de Garça a Tupã; Santos e Baixada Santista, até Itanhaém; Brás e Zona Leste, até Ferraz de Vasconcelos. Há 46 anos desde o primeiro culto sirvo a Igreja do Calvário; nesta Igreja há crentes de Pederneiras, Iacanga, de Marília, de Santos, do Brás e da Zona Leste. Também servi o meu Mestre durante 13 anos em entidade de ensino relacionada com a Igreja; houve ali universitários que se converteram a Cristo (e aqui cabe mencionar o trabalho do Capelão Odair Olivetti) [...] (RIBEIRO, 1999, p. 24).

BOANERGES HISTORIADOR

A Igreja Reformada no Brasil, ou Igreja Presbiteriana no Brasil, contou com um historiador oficial – Julio de Andrade Ferreira, com dois volumes de *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. É uma bela obra, mais no aspecto descritivo, com boa documentação do órgão oficial, atas e crônicas da Missão que noticiavam, com sua *Revista das Missões Nacionais*. Ninguém mais pode historiar a Igreja, sem abeberar do seu documentário fiel, como informação, em estilo agradável.

Também se inclui Domingos Ribeiro, modesto e sem pretensão, a agradável *História da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil*, escrita em livro de 50 páginas, com a documentação

que o espaço lhe permitiu e com a finalidade de beneficiar o jornal *O Puritano*, publicada em 1937.

Publicou os *Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo* (1863-1903), com pouca documentação histórica aparente, com base em obras que ele próprio escreveu – Vicente Themudo Lessa. Pertenceu a diversos Institutos de História, em alguns Estados do Brasil, e à Associação Paulista de Imprensa. Boa fonte, embora com ausência de uma bibliografia, o que se compreende diante de uma época em que as obras literárias não eram muitas, precisando, quem sabe, pesquisar, sem tempo disponível para isso.

Colaborou com a nossa história no Brasil um ilustrado mestre francês, Émile G. Leonard, competente professor, com um estudo de Eclesiologia e História Social, como mestre respeitado na França, admirado professor da Faculdade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, enviado, ou recomendado, pelo notável Lucien Febvres (por ser um pouco hostilizado pelos protestantes na França), apresentado pelo prefácio do professor Isaque Nicolao Salum. É evidente que, sendo da estirpe latina, embora culto professor da Sorbonne, hostiliza, assim parece, talvez por serem mais frios, os anglo-saxônicos. Prestigia as grandes igrejas pentecostais.

Contudo, escreveu *O protestantismo brasileiro*, em cuja conclusão adverte os protestantes do Brasil a se aproximar o quanto mais da Bíblia, dando-lhe primazia, penetrando mais a classe proletária, como as Congregações Cristãs do Brasil. Se o não fizerem, estarão correndo o risco de cair na extravagância e, depois, na indiferença religiosa. “Então os velhos problemas das velhas Igrejas não mais importarão, pois todo um novo povo virá a seu encontro”. Profecia? Talvez.

BOANERGES TEÓLOGO

Para traçar o perfil teológico de Boanerges Ribeiro, não é necessário ser ministro da Igreja Reformada no Brasil, na Igreja Presbiteriana, basta rever os padrões doutrinários de Westminster. Fazemos um ligeiro intróito do que consta na antiga teologia da antiga Princeton. Escreve M. A. Noll:

Teologia dominante do presbiterianismo norte-americano e uma das teologias mais influentes de todos os Estados Unidos, desde a fundação do Seminário de Princeton em 1812 até a reorganização daquela instituição em 1929. O primeiro catedrático do Seminário de Princeton, Archibald Alexander, condensou grande parte da tradução de Princeton em sua própria vida. Era uma pessoa de piedade e calor cristão, as suas ênfases principais na Teologia eram a fidedignidade das Escrituras e a capacidade da razão humana para compreender a verdade cristã. Suas fontes básicas eram, “quanto ao intelecto”, Calvino, a Confissão de Fé, a de Westminster e os seus catecismos, o teólogo Suíço François Turretin e a Filosofia Escocesa do Senso Comum.

Boanerges faz bela teologia, realizando uma exegese, ou uma hermenêutica, de Is 52.13-53.12: O Senhor que se fez servo e servo vicário e sofredor. Daí faz uma sucinta análise dos textos e os encara como um hino, a que chama: O Cântico do Servo, “O Cântico do Servo Sofredor”.

Jesus não foi um servo comum. Ele veio para afirmar Sim onde os nossos pais ouviram do tentador Não, ao que eles acederam. Para destruir as obras do diabo Ele veio. Seja como for, na sua carne, na nossa semelhança humana, luta e sofre, sempre solidário, com o homem, sendo-lhe solidário.

Em Mt 4.1-11 há o “então”, nesse tempo foi tentado pelo tentador, em que os dois outros sinópticos concordam, e o servo de Fl 2.5-7 venceu pela humilhação. Agora é o seu ministério com que o próprio Deus-Pai se comprometeu. Agrega-se ao seu redor a Igreja, a partir dos Doze.

O que é a Igreja? Não é uma sociedade natural, mas uma Igreja chamada e reunida pelo Santo Espírito. Há nela experiências espirituais comuns; há nela afinidades psicológicas; há nela também antagonismos, aparentemente irreparáveis, parecendo, por vezes, um clube, à medida que se afasta da verdadeira fonte; não se congrega como raça, etnia.

Mas nela se acham Barnabé, o levita, e Menahém, criado com o tetrarca Herodes; Igreja não é produto de uma nação. A Igreja não é uma associação natural, é de origem Divina – compromisso de Deus com o homem, não com o pecado. Jesus insistiu com a informação de que o Espírito Santo viria morar na Igreja. Essa pode ter no meio “homens maus”, mas os “filhos verdadeiros” estão ali.

A PRESENÇA DE CRISTO

A encarnação de Cristo não foi um episódio: é o centro vital da eternidade no que concerne ao homem. Num texto anterior:

O Pai ofereceu ao seu povo a Graça em Jesus encarnado para morrer e criar a nova humanidade, enxertando a Igreja, dando-lhe no tempo pré-anunciado o Espírito Santo, cujo sinal ritual é o batismo do crente, enxertando, como disse, a Igreja no seu povo escolhido de antemão. Deu a Igreja os sinais sensíveis, sinais factuais que, em nome de Cristo, apenas como ministros, administramos a ceia, Eucaristia, que une os homens, num pequeno grupo – a Ceia inicial – em Comunhão. Esses somam Eucaristia, Ação de Graças e o Batismo. O batismo é um direito? Não é, representa o rito oferecido por Cristo à Igreja, não uma barganha entre nós e Jesus. Não o praticamos em nome da Igreja, mas em nome da Santíssima Trindade. É a marca ritual. Se a Ceia fala na morte do Cordeiro, condição *sine qua non* nada poderíamos receber. O batismo é um sinal do Penhor, o Selo, o Espírito Santo. Os sinais são a garantia de Poder dos dons para a Igreja ser o que deveria ser: Igreja militante para ser a Igreja Triunfante. No mundo a Igreja tem u'a missão "Testemunha da Luz" como Igreja visível na História. Os sinais de marca simbolizantes apenas são oferecidos por Cristo, sem barganha, sem preço, como o anel de noivado. O Espírito Santo é o Selo, como o Cristo morto e ressuscitado é a Garantia. O Espírito Santo oferece os dons, o Espírito Santo dado por Deus-Pai; através de Cristo, e o Poder permanente na Igreja para o sacerdócio real do povo de Deus. A majestade de Deus está legada à Igreja pelo Espírito Santo e pela Palavra que purifica. Tudo isso inquieta o mundo e provoca a fúria dos cristãos de mentira que seguem de longe, ou de perto, uma mediação aliciadora e mentirosa, que tenta usurpar o lugar de Cristo. A Igreja se torna, e deve se conscientizar disto [...] A geração Eleita, o Sacerdócio real, a Nação santa (1 Pedro 2.9a).

Tudo é ligado na História e na Eternidade pela Sagrada Aliança desde Abraão e consumada na Comunhão de Cristo. A Igreja não voltará à velha Aliança com sangue de animais, marcada com o Sangue do Cordeiro. A Epístola aos Hebreus torna a Igreja destinatária da fase histórica em que se alcança,

perseguindo “Na mudança para melhor” (destaque do autor). É o alvo da Nova Aliança. Este é “O estudo bíblico” que o autor expressa (p. 110). Entendo-o: um tratado de teologia bíblica explica o projeto do Senhor que se fez Servo.

BOANERGES E SEU PROJETO

Para entender o biografado é preciso penetrar o vasto campo da sua produção literária. A fonte suprema para ele é a Bíblia, a única base de fé e prática. É o que pretendia a Reforma, desde Lutero, confirmado em Calvino. “A Teologia de Lutero é a Teologia da Palavra.” E assim a fé vem pelo ouvir, “vem pela pregação e a pregação vem pela Palavra de Cristo”. A Igreja para ele era a reunião – na comunhão dos santos, ou melhor: “Germainde” – comunidade. A palavra gera a Igreja, e Boanerges reafirma a certeza da sua permanência: “E as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mt 16:18). A base é Cristo, o Filho de Deus vivo, da confissão de Pedro, que era um dos textos prediletos do biografado.

Boanerges vê no ex-padre Conceição um exemplo de missionário nativo.

Pois foi exatamente a 3 de março que José Manoel da Conceição apareceu em Una, no caminho de Sorocaba. É ele quem conta o que houve. Sua construção oral é de ação intensa e contínua. “Saí pregando.” Não me parece que ele e seus colegas tenham tido consciência do que acabara de acontecer. O apóstolo da Reforma Evangélica no Brasil assumia a sua função.

Escreve sobre o seu antigo colega, o primeiro ministro brasileiro, duas biografias, a primeira com edição encontrada em 1948, a última em 1995.

O grande historiador da IPB, ou do Protestantismo no Brasil, quis, na parte final de sua vida (após 16 anos ocupados na administração da Igreja Presbiteriana!), ocupar-se de fazer literatura. Na sua vasta biblioteca contavam-se mais de 6 mil títulos, na maior parte relacionados com a Teologia. Também grande número de obras de Sociologia e de História, além de bons livros de romance e aventura,

conta o presbítero do Calvário, prof. Rubem, seu filho.

Seu projeto era pregar, e pregou, para isso valendo-se da erudição que adquiriu, como um dos mais cultos ministros reformados no Brasil. Um seu editor afirma a respeito:

Boanerges Ribeiro, doutor em ciências pela Escola Pós-Graduada em Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Chanceler da Universidade Mackenzie, de São Paulo, é pastor da Igreja Presbiteriana. Antecedeu a presente obra de um estudo da cultura brasileira no século XIX, em seus aspectos que ensejaram a introdução de movimentos reformistas protestantes no País. Antes escrevera a biografia do Rev. José Manoel da Conceição. [prossigue o editor:] Coordenador de pós-graduação teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil, coordena a área de Filosofia da Educação, do curso de especialização em Estudos Brasileiros, da Universidade Mackenzie de São Paulo (RIBEIRO, 1981, contracapa).

O seu projeto amplo foi concluído, deixando a Igreja Presbiteriana do Calvário, que fundou em 1953 e onde terminou a carreira no ano 2003, início do século XXI. Atuou ainda no Fórum das Américas e no Conselho Nacional de Petróleo. Seu objetivo, além da sugestão que deixou no livrinho de paraninfado do J.M.C. (1999), era a pregação – o que recomendou aos formandos, o que sucede na sua Igreja: realçar na cultura os valores de Cristo.

SEU PROJETO: FÉ E AÇÃO

Boanerges, ao lado dos primeiros historiadores da Igreja, entre os quais deve ter destaque, como uma compreensão e uma declaração justa, o rev. Julio de Andrade Ferreira, historiador oficial da IPB até o rev. Vicente Themudo Lessa. Boanerges fez uma história mais consistente, valendo-se das ciências sociais, da sociologia política, penetrando o âmago da maioria religiosa dominante, e teve oportunidade de aproveitar os fatos, demonstrando o nicho protestante na cultura brasileira.

Quanto ao amor à obra missionária, vêem-se na literatura quatro obras sobre evangelistas, a bibliografia histórica produzida – *O apóstolo dos pés sangrentos, Seara em fogo, O padre protestante, José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*, respectivamente verdadeiros retratos de: Saduh Sudar Singh, evangelizador indiano; Dwigth Leman Moody, o leigo notável do evangelismo de Northfield, Massachusetts, um dos maiores evangelistas entre 1837 e 1899, pareceu adepto do carisma, e o foi, sem os exageros do neopentecostismo posterior; José Manoel da Conceição, primeiro pastor presbiteriano brasileiro.

Escreveu *Terra da Promessa*, em que descreve a emoção de um cristão reformado, pisando pela primeira vez a Terra Prometida. E então os esplêndidos livros: *Protestantismo no Brasil Monárquico*, uma penetração viva da monarquia brasileira (no início); *Protestantismo e cultura brasileira*; *A Igreja Presbiteriana no Brasil*; *Igreja evangélica e República brasileira* e a *Igreja presbiteriana no Brasil*: da autonomia ao cisma. Finalmente escreveu *O Senhor que se fez Servo* – uma exegese da história bíblica.

O seu Prefácio a essa obra, de modo muito claro, afirma a sua isenção de ânimo e imparcialidade religiosa ao tratar da Igreja e seu projeto.

Desde 1952 sou pastor da Igreja Presbiteriana do Calvário, em São Paulo; sou testemunha do que lhe deve, e não pode avaliar, a presente geração: seus fiéis, com os presbitérios, angariavam a justa confiança dos adeptos da Reforma no Brasil. Nessa igreja se realizou, também, a mais ousada e inovadora experiência de comunicar à cultura ambiente os valores de Cristo, como os deveriam viver as Igrejas da Reforma. Evitou o processo de “introversão social” que costuma transformar em “seita” a denominação protestante; e evitou a teologia que avança além da Bíblia, “reencarna Jesus Cristo na Igreja”, e faz a Igreja medianeira sacerdotal, entre Deus e a raça humana. Permaneceu e permanecerá, conscientemente Reformada, bíblica, Evangélica. Rendo-lhe minha homenagem (RIBEIRO, 1989).

Boanerges não reconhece como legítima a Igreja que se coloca em lugar da única mediação entre Deus e o homem – Jesus Cristo. Toda a Igreja é o que determina (Hebreus 4: 14-16). Acabou-se o Sacerdócio, com a vinda do Único – Jesus Cristo. O fundamento do seu objetivo é comunicar os valores evangélicos ao campo da cultura brasileira: continuar a Reforma começada pelo ex-padre José Manoel da Conceição – o primeiro ministro presbiteriano brasileiro!

PROPOSTA DO REV. BOANERGES

Na sua visão da história sacra, ou da história eclesiástica, o rev. Boanerges não gasta energia com a Igreja Constantianiana, nem tampouco com Eusébio, apologista do Imperador Constantino. Por quê? A resposta é simples. Não há documentação quanto à existência do Cristianismo na península Ibérica, senão elementos imaginários e lendas. É como a conversa de ter sido o apóstolo Pedro o primeiro Papa. Quando? Onde? Como? A história genuína, com documentação séria. O papado foi um governo petrino e que historicamente nunca existiu. Oscar Cullmann escreve a obra *Pedro*, publicada pela ASTE em 1964 em São Paulo. A obra foi escrita para demonstrar a inautenticidade do fato Pedro em Roma, apenas afirmada em documento vago, que não preenche o vácuo histórico a partir de Atos 12.17. Nada mais se diz de Pedro, de concreto, autenticamente e suficientemente documentado.

O papado não tem ponte histórica para preencher a lacuna, E. B. Kuyper, na obra *The Church in history*, de 1951, publicada em associação com as Escolas Unidas na América do Norte, contém todo um capítulo, o sexto, com a declaração *The Church Deteriorates*, p. 100-461. Nesse tempo a Igreja sofreu, sobretudo até o segundo século, numerosos martírios. O bispo romano começa a aparecer como Papa (Leão I) em luta com o patriarcado de Constantinopla. Do Concílio de Calcedônia (451 A.D.) em diante, arma-se um conflito sem fim até chegar ao cisma em 1054 – a Igreja romana por um lado e a Igreja Oriental por outro, respectivamente o papado em Roma e o Patriarcado da Igreja Ortodoxa; ou a Igreja oriental, em que se usava o grego *versus* a que adotava o latim.

Boanerges é reformista e reformado. Descobre no segundo século Irineu lutando contra as heresias para restaurar a pureza da Igreja na Hispânica e mereceu perseguição e martírio pelo poder do império (tempo de Décio 254 A.D.). Tertuliano afirma que Cristo tem seguidores em toda a Península. Poder-se-ia evitar o martírio renegando a Cristo. Para reconstituir a história da Igreja a partir da Igreja Hispânica, afirma:

Nossa Reforma se faz não em um vazio cultural, mas em uma sociedade nacional, que tem a sua própria história, uma *comunidade da aliança* [grifo nosso] aqui nascida da pregação do Evangelho [...] Há, pois, que construir uma ponte histórica que nos leve (ou nos traga) à *Península Hispânica* e a *Portugal*, dos dias apostólicos a nossos dias (RIBEIRO, 1999, p. 16).

Ele ensina que

[...] Não deixemos a História Geral da Igreja para nos limitarmos à História da Igreja Hispânica, à Portuguesa, à Luso-Brasileira, e muito menos, à da Igreja Presbiteriana do Brasil. O que eu digo [diz ele] é que cumpre alterar o quadro de referência, fincar os pés em nosso território histórico, e daqui estudar o processo diacrônico da igreja, seu estabelecimento, sua constatação [...] (RIBEIRO, 1999, p. 17).

Foi o Boanerges que conheci pessoalmente, e o li em todas as suas monografias. Sempre me visitava, quando ia a Bauru, e batizou uma das minhas filhas, Isabel Cristina, hoje funcionária, jornalista na Unicamp, que também estudou coincidentemente no Culto à Ciência, em Campinas, em 1980.

Quando voltava de Bauru com um pacote no bolso, chamava a Jane, minha filha – Isabel era ainda nenê. A Jane gostava egoisticamente por causa das balinhas. E um dia, falando com uma linguagem ainda incompleta, perguntava: “Papai, quem é esse tal Manerges? Quando voltará o Manerges?”. Ela estava com os olhos nos docinhos que recebia!

Boanerges sempre me falava da professora Haydée. E um dia lhe perguntei – o que sucede, após as lutas conciliares, ao chegar em casa, e se referir às lutas à d. Haydée. Ele disse: “Lázaro, ao abrir a porta, os problemas deixo p’ra fora! Não tenho direito de fazê-la sofrer. O pastor sou eu!”.

Presto aqui homenagem ao Amigo. Nestas páginas que escrevi, muito emocionado, e com a saúde um tanto abalada, aos 84 anos. Minhas homenagens à família que ficou, filhos e netos, e especialmente à d. Haydée e à Igreja do Calvário e a seu Conselho. A Deus seja toda a glória.

OBSERVAÇÕES

1. Achei desnecessários os detalhes bibliográficos. O informe é constante nos livros do autor, sobretudo nas obras históricas: *O Protestantismo do Brasil Monárquico* e *A Igreja Evangélica e República Brasileira* contêm três das biografias do ex-padre Conceição. Lembro-me com saudade dos tempos em que estudei em Jandira, SP. Muitas vezes, orávamos à sombra da figueira em que, lenda ou não, o Conceição descansava das suas andanças de peregrino da fé.
2. Boanerges deu-me exemplares preciosos como *Terra da Promessa* – produto de sua viagem à Terra Santa. Fez, como Euclides da Cunha: foi e escreveu e descreveu. Obra emocionante. Para mim, com exceção das suas obras históricas, a sua obra *O Senhor que se fez Servo* é como pano (ou painel) de fundo Is 52-53; fl. 2 e Hebreus analisada como carta profundíssima, com a mudança litúrgica do sacerdócio, consumado com o único Jesus Cristo. Obra-prima do gênero, com a capa maravilhosamente arquitetada de Waldineu de Oliveira Costa – parabéns! Aquela “Coroa trançada de espinhos!”
3. Saio enriquecido do difícil mergulho. “A carta-testamento” – discurso de paraninfo aos seminaristas de 1999, formados do JMC, São Paulo. Aproveitei-a, muito como ligeiro destaque das suas experiências, especialmente “o caso de Onesífero, que o procurou e o achou em Iacanga, e com ele ficou”. E ele disse: “Nunca mais me perdi até agora!”. E eu concluo esta nota: Agora perdeu, em favor de Deus – O dono de todos nós. Graças a Deus.

Tatuí, 22 outubro de 2003.

- ARRUDA, Lázaro Lopes de. *Os meus dias*. Indaiatuba: Romograf, 1997.
- CULLMANN, Oscar. *Pedro*. São Paulo: ASTE, 1964.
- KUYPER, E. B. *The Church in history*. Associação de Escolas Unidas na América do Norte, 1951.
- LEONARD, E.-G. *O protestantismo brasileiro – estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, [s/d].
- LUCHESE, Maria Regina Chirichella. *Educação de pessoas surdas: experiências vividas, histórias narradas*. Campinas: Papirus, 2003.
- O BRASIL PRESBITERIANO. Obituário: Boanerges Ribeiro. *O Brasil Presbiteriano*, ano 43, n. 583, p. 11, abr. 2003.
- RIBEIRO, Boanerges. *Aliança da Graça* (Estudo Bíblico). São Paulo: Associação Evangélica Reformada Presbiteriana, 2001.
- _____. *Ser pastor no Brasil*. São Paulo, 4 dez.1999. 28p. (Folheto).
- _____. *José Manoel da Conceição e a reforma evangélica*. São Paulo: O Semeador, 1995.
- _____. *O Senhor que se fez Servo*. São Paulo: O Semeador, 1989.
- _____. *Terra da Promessa*. São Paulo: O Semeador, 1988.
- _____. *A Igreja Presbiteriana no Brasil: da autonomia ao cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987.
- _____. *Protestantismo e cultura brasileira* (Aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil). São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.
- _____. *O padre protestante*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979a.
- _____. *Seara em fogo* (a vida de D. L. Moody). São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979b.
- _____. *Protestantismo no Brasil monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1975.